

# CADMO

---

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

28



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA  
2019



**CADMO**

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



**CADMO**  
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

**28**

**Editor Principal | Editor-in-chief**  
Nuno Simões Rodrigues

**CH**  
CENTRO DE HISTÓRIA

Centro de História da Universidade de Lisboa

2019



**CADMO**  
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

**Editor Principal | Editor-in-chief**  
Nuno Simões Rodrigues

**Editores Adjuntos | Co-editors**

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa)

**Assistentes de Edição | Editorial Assistants**

Ana Catarina Almeida, Catarina Pinto Fernandes, Denise Calado, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

**Revisão Editorial | Copy-Editing**

André Margado, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

**Redacção | Redactorial Committee**

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa), António Ramos dos Santos (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa de Sousa (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), Loïc Borgies (Université Libre de Bruxelles), Maria Ana Valdez (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (EU Business School - Barcelona) Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa), Rogério de Sousa (Universidade de Lisboa), Saana Svård (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Roehampton), Suzana Schwartz (Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa).

**Comissão Científica | Editorial and Scientific Board**

Antonio Loprieno (Universitat Basel), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa, (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Trebolle (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico).

**Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue**

Agnes García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), André Carneiro (Universidade de Évora), Carlos Martins de Jesus (Universidade de Coimbra), Fábio Lessa (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Fernando Bermejo Rubio (Universidad Nacional de Educación a Distancia), Inês de Ornelas e Castro (Universidade Nova de Lisboa), Inês Vaz Pinto (Sítio Arqueológico de Tróia), Isaías Hipólito (Universidade de Coimbra), Javier Andreu Pintado (Universidad de Navarra), José Luís Brandão (Universidade de Lisboa), Juan José Castillos (Instituto Uruguayo de Egiptología), Maria de Fátima Rosa (Universidade Nova de Lisboa), Marta González González (Universidad de Málaga), Pedro Carvalho (Universidade de Coimbra), Raquel dos Santos Furnari (Universidade Estadual de Campinas), Ricardo Duarte (Universidade de Lisboa), Susana Schwartz (Universidade de São Paulo), Victoria Emma Pagán (University of Florida).

**Editora | Publisher**

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2019

**Concepção Gráfica | Graphic Design**

Bruno Fernandes

**Periodicidade:** Anual

**ISSN:** 0871-9527

**eISSN:** 2183-7937

**Depósito Legal:** 54539/92

**Tiragem:** 150 exemplares

**P.V.P.:** €15,00

**Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History**

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon  
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon  
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL  
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63  
cadmo.journal@letras.uilisboa.pt | www.centrodehistoria-flul.com/cadmo



This work is funded by national funds through FCT - Foundation for Science and Technology under project UID/HIS/04311/2013, UID/HIS/04311/2019 and UIDP/04311/2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

# SUMÁRIO

## TABLE OF CONTENTS

### 09 AUTORES CONVIDADOS

#### GUEST ESSAYS

11 MATERNIDADE E FILICÍDIO

*MATERNITY AND FILICIDE*

Maria de Fátima Sousa e Silva

31 THE ENEMY AT THE CITY GATES.

*Seven against Thebes, 287-368*

Marta González González

### 51 ESTUDOS

#### ARTICLES

53 DEUSES BANQUEIROS:

uma seleção de contratos paleobabilônicos de empréstimos  
feitos por templos

*BANKING GODS:*

*a selection of Old Babylonian temple loan contracts*

Lucas G. Freire

77 A "TERRA BÍBLICA" DO PRIMEIRO TESTAMENTO:

construção de um espaço religioso

*THE "LAND OF THE BIBLE" OF THE FIRST TESTAMENT:*

*building of a religious space*

Sofia Beato

93 "A MALDIÇÃO DA MÚMIA".

Relatos na imprensa portuguesa sobre a descoberta do Túmulo de  
Tutankhamon

*"THE CURSE OF THE MUMMY".*

*Reports in the Portuguese press on the discovery of the Tomb of Tutankhamun*

José das Candeias Sales & Susana Mota

- 119 A DIMENSÃO VISUAL DO CÂNONE NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA  
*THE VISUAL DIMENSION OF THE CANON IN CLASSICAL ANTIQUITY*  
Sílvia Catarina Pereira Diogo
- 139 A HÉLADE EM ROMA.  
A recepção do estilo de vida da aristocracia ática através das *fabulae palliatae* de Plauto: a alimentação, as heteras e o *damnum*  
*GREECE IN ROME.*  
*The reception of the lifestyle of the Attic aristocracy through Plautus' fabulae palliatae: the food, the hetaerae and the damnum*  
Álvaro Martinho
- 165 ALARGAMENTO DO DOMÍNIO ROMANO NA ITÁLIA CENTRAL EM MEADOS DO SÉCULO IV A.C.  
*EXPANSION OF ROMAN POWER IN CENTRAL ITALY IN THE MID-4TH CENTURY B.C.*  
Filipe Carmo
- 187 RIFLETTENDO (SU) LUCIO (ANNEO SENECA), UN POLITICO IN FILOSOFIA E UN FILOSOFO IN POLITICA  
*REFLECTING UPON LUCIO ANNEO SENECA, A POLITICIAN IN PHILOSOPHY AND A PHILOSOPHER IN POLITICS*  
Carlotta Montagna

## **219 NOTAS E COMENTÁRIOS**

### *COMMENTS AND ESSAYS*

- 221 OS TOPÓNIMOS PRÉ-ROMANOS DA HISPÂNIA:  
a propósito dos *Monumenta Linguarum Hispanicarum*, VI  
*PRE-ROMAN TOPONYMS IN HISPANIA:*  
*on the Monumenta Linguarum Hispanicarum, VI*  
Amílcar Guerra
- 235 HOMENAGEM A ALICIA MARAVELIA  
*TRIBUTE TO ALICIA MARAVELIA*  
Telo Canhão

**251 RECENSÕES**

*REVIEWS*

**333 IN MEMORIAM**

**341 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO**

*JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES*

same literary model”. The author’s investigation is well founded in a “chronological, geo-historical, linguistic, formal-stylistic, and textual-historical point of view”, showing the common aspects between both narratives.

John Morgan’s work on the theme “The Monk’s Story: the *Narrationes* of pseudo-Neilos of Ankyra” intends to show “that the author of this text knew Achilles Tatius . . . and might have known the *Metamorphoses* of Apuleius”. About the ancient text, Morgan “proposes to read it instead as a narrative of conversion from eremitic solipsism to a truer Christian vocation”.

**K. Leandro Santos**

*Universidade de Lisboa*

**NICOLA LANERI ed.** (2015), *Defining the Sacred, Approaches to the Archaeology of Religion in the Near East*. Oxford/Philadelphia, Oxbow Books, 186 pp. ISBN 978-1782976790 (\$50 paperback)

*Defining the Sacred* é uma obra que segue como consequência de um *workshop* organizado pela editora no Oitavo Congresso Internacional de Arqueologia do Oriente Antigo, em 2012. Com uma introdução digna de nota, a autora e editora sugere que uma investigação arqueológica das práticas e crenças religiosas é não só possível, como expectável, tendo em linha de conta os avanços feitos nos campos teóricos e práticos da disciplina.

A obra divide-se em três secções temáticas que a editora explica na sua introdução. A saber, uma primeira secção, intitulada “Sacred Nature”, composta por cinco artigos independentes e relacionados com o que se define como o papel da natureza na criação das dimensões religiosas das antigas sociedades. Uma segunda secção, intitulada “Housing the Gods”, composta por seis artigos independentes e relacionados com a criação de arquitecturas e/ou espaços para adoração aos deuses e por fim, uma terceira secção, intitulada “The materialisation of religious practices and beliefs”, composta também por quatro artigos sobre a utilização de cultura material na expressão de práticas e crenças religiosas.

Sobre a natureza sagrada, os diferentes autores apostam em apresentar os modos como a natureza teve desde sempre um papel fundamental na criação de ideologias e práticas religiosas nas antigas sociedades. Com Nadezna Dubova, em “Animal burials and their cults in Margiana”, compreende-se como na região de Gonur Depe, no deserto de Kara Kum, em cerca de 2300 a 2100 a.C., as comunidades associavam, em enterramentos, diferentes animais – ovinos, cães, camelos, cavalos, vacas/touros, macacos e porcos – a diferentes indivíduos. Assim, o papel que cada animal e cada parte animal tinha fazia variar a sua associação ao local de enterramento e ao indivíduo a ser enterrado.

Continuando com as associações animais, Laerke Recht, em “Identifying sacrifice in Bronze Age Near Eastern iconography”, apresenta iconografias de sacrifícios em várias etapas. Neste artigo, os animais, normalmente apresentando cornos, vinculam-se a um conhecimento sobre a natureza e seus elementos, em rituais que necessitam recorrentemente de sacrifícios e libações, demonstrando como o meio envolvente e os recursos nele disponíveis influenciavam a natureza e a performance ritual.

Steven A. Rosen em “Cult and the rise of desert pastoralism: a case study from the Neguev”, avança com uma proposta muito aliciante onde o início e gradual intensificação da pastorícia, pelos grupos do deserto do Negueve, levou à criação de diversos cultos, em estruturas de adoração ao divino, que não existiam antes da introdução da pastorícia. Assim, mudanças no quotidiano das populações acarretavam mudanças a nível ritual e religioso, influenciadas pela natureza.

Ann Anderson, em “Thoughts on material expressions of cultic practice. Standing stone monuments of the Early Bronze Age in the Southern Levant”, constrói a paisagem como um espaço lato, um mosaico composto por grupos de vários estilos de vida, onde nem sempre a centralização de espaços e arquitecturas significaria uma institucionalização das práticas rituais e religiosas, mas antes uma variedade das mesmas. Os monólitos, como marcadores de rotas de transumância, seriam marcadores paisagísticos para todos os grupos, independentemente do estilo de vida que seguiriam, uma vez mais assegurando como a paisagem e os seus elementos jogavam um papel de enorme importância nas práticas religiosas da região.

Por fim, com Pascall Butterlin, em “Late Chalcolithic Mesopotamia: towards a definition of sacred space and its evolution”, continua uma tradição que ganha paulatinamente mais adeptos, a de que não há um modelo linear ou evolutivo de construção e utilização dos templos na Mesopotâmia, mas antes um conjunto de modelos, utilizados em diferentes zonas, por diferentes grupos, com necessidades que variam com o tempo e o espaço e que, independentemente da partilha de símbolos e ideologias, se mantém de algum modo único, pelo menos durante o V e IV milénio a.C. Falamos essencialmente de uma regeneração e de um contínuo ciclo de construções, destruições e reconstruções, que seguem ritmos únicos, mesmo quando tendem a seguir um “modelo comum”.

Na segunda fase da obra, “Housing the Gods”, os autores Oliver Dietrich e Jens Notroff escrevem “A sanctuary, or so fair a house? In defense of an archaeology of cult at Pre-Pottery Neolithic Gobekli Tepe”. Apresentando o modelo de Renfrew como passível de aplicação para Gobekli Tepe, estes autores concluem que, ainda que se trate de um complexo para fins rituais, talvez nem todos os complexos com características semelhantes e cultura material simbólica o sejam também. Demonstram igualmente como nem sempre os objectos simbólicos são sinal de uma estrutura religiosa e que as fronteiras entre o religioso e o secular são mais ténues do que à primeira vista pareceriam.

Beth Alpert Nakhai escreve sobre “Where to worship? Religion in Iron II Israel and Judah”. Neste ensaio, a autora aborda questões de género, estatuto social e identidade e, relacionando-as com o local onde cada indivíduo viveria, apresenta diferentes locais de culto, fora do templo. Numa época em que os grandes templos, como o de Jerusalém, eram escassos, a prática religiosa seria realizada, mesmo a nível formal, em lugares santos alternativos, muitas vezes marcados apenas pela presença de monólitos, como já antes se havia visto com outro autor.

Stefano Valentini escreve “Communal places of worship: ritual activities and ritualized ideology during the Early Bronze Age Jezirah”. Tem-se discutido longamente sobre o poder que os templos e outros complexos religiosos teriam nas comunidades locais desta nova fase urbana e defende o autor que os mesmos, por apresentarem arquitecturas e materiais distintos, mesmo quando seguindo modelos-tipo, seriam utilizados para diferentes fins, alguns seculares e outros religiosos, onde diferentes divindades e rituais públicos e particulares teriam lugar, controlados por elites locais, a partir de um centro que é tanto político como religioso, e demonstrando como em algumas regiões, a casa do deus é também a casa do Rei.

Stefania Mazzoni, com “Open spaces around the temples and their ritual use: archaeological evidence from the Bronze and Iron Age Levant”, mostra a importância de estudar os espaços ao ar-livre, como espaços de performance ritual associadas ao templo e às suas actividades. A variedade de materiais neles encontrados demonstra também a variedade de rituais e grupos presentes nestes espaços, maior do que a encontrada dentro de algumas áreas dos templos adjacentes, garantido a estas áreas abertas uma posição de destaque na performance ritual e religiosa do Levante. Nem sempre, poderemos nós dizer, o deus precisaria de uma casa, mas sim de um espaço a ele dedicado, mesmo um em campo aberto.

“Ritual circumambulations in the Syro-Mesopotamian cuneiform texts. An overview”, escrito por Amalia Catagnoti, refere-se aos textos encontrados nas cidades de Girsu, Umma, Uruk, Mari, Shena, Kutalla e Ebla durante a segunda metade do III milénio a.C. e que fazem referência a rituais de circunvolução. Estes rituais eram realizados em redor de templos, de povoados, em volta das muralhas das cidades e até nas zonas rurais, em campo aberto ou em redor de fronteiras políticas de modo a beneficiar os participantes na obtenção de favores. Embora os textos sobre o assunto sejam raros, encontram-se indícios de que os mesmos seriam até bastante comuns, tendo inclusive chegado até aos dias de hoje, com propósitos muito semelhantes.

Licia Romano disserta sobre “A temple lifecycle: ritual of construction, restoration, and destruction of some ED Mesopotamian and Syrian sacred buildings”. Neste artigo, os templos são a prova de que as arquitecturas se alteram ao longo do tempo, muitas vezes sofrendo transformações para se melhor adaptarem às necessidades das comunidades em vivência. Observa a mesma que, ciclicamente, os templos precisariam de se renovar de modo que as actividades nelas decorrentes estivessem sempre dentro de uma ordem, fazendo com que destruições e reconstruções se tenham seguido em tantos sítios ao longo do III e II milénio a.C. na Síria e Mesopotâmia.

Trevor Watkins em “Ritual performance and religion in early Neolithic societies” desenvolve a importância do ritual e da religião como partes imprescindíveis para as novas organizações sociais que nascem com o advento da agricultura. De um ponto de vista biossocial, o autor demonstra como a memória colectiva e a identidade social se constroem paulatinamente em performances comunitárias. Assim, a religião serviria propósitos agregadores essenciais à manutenção da ordem social.

“Casting the sacred: Chalcolithic metallurgy and ritual in the southern Levant”, de Milena Gošić e Isaac Gilead, fala-nos sobre a “cultura ghassuliana” como a primeira cultura de trabalho do metal no Calcolítico levantino em cerca de meados do IV milénio a.C. Os autores referem sobretudo a parafernália de símbolos zoomórficos, arquitecturais e provavelmente abstractos, florais e políticos, como símbolos de uma sociedade que tentava gradualmente “Conquistar” o mundo natural em seu redor através do trabalho e transformação do metal. Pretendem os mesmo demonstrar como os símbolos do dia-a-dia eram também símbolos de morte.

Laura Battini escreve “How better understanding of ritual practices can help the comprehension of religious feelings”. Segundo a autora, as antigas comunidades não distinguiam sobremaneira as religiões formal e informal, antes, distinguiam as suas práticas consoante as suas necessidades, local de habitação e estruturas em redor. Para estes grupos o que realmente importava era que todo o Universo seria povoado por deuses, espíritos e guardiões, que bastantes vezes tinham de ser aplacados de modo a evitar situações de propenso perigo.

Termina esta obra com um texto de Daniel C. Snell sobre “Archaeological correlates of pious societies”, onde em aspecto de síntese a autora lembra os leitores e investigadores de que o discurso

arqueológico não consegue realmente acompanhar as antigas sociedades e a sua religiosidade, mas antes, pensá-las em termos modernos.

Este compêndio termina com a clara intenção de demonstrar em que aspectos o Sagrado precisa de ser redefinido nos estudos modernos. A Arqueologia pode e deve, cada vez mais, ajudar a redefinir este conceito que tão longamente tem sido debatido como um dos principais elementos da Religião, podendo fazê-lo seguindo alguns dos ensaios apresentados nesta obra tão intensa, onde muitos espaços e cronologias foram avaliados.

**Catarina Pinto**

*Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de História e UNLARQ*

**ARNOLD, B. et STRAWN, B. eds.** *The World Around the Old Testament*. Michigan, Baker Academic, 560 pp. ISBN 978-0801039188 (\$45)

“The World Around the Old Testament” constrói-se considerando a formação de Israel e Judá enquanto reinos distintos e depois como Monarquia Unida, tentando essencialmente alcançar os grupos humanos que se alargavam pelos territórios envolventes, desde os planaltos da Anatólia e da Síria, ao mais distante Egito e à Mesopotâmia.

Compreendendo que distinções étnicas e/ou étnico-linguísticas não são necessariamente o mesmo que distinções geográficas, esta obra prima em grande medida pela abrangência de discursos, exploração de conceitos e noções não só históricas e arqueológicas, mas também religiosas, sociais, antropológicas, etnográficas e outras, numa tentativa, cremos, bem-sucedida, de reconstruir a rede de interacções que compunha o Próximo Oriente do II e I milénio a.n.e.

Uma ordem cronológica é induzida através da organização dos capítulos, a saber: 1. Os Amorreus, 2. Assíria e os Assírios, 3. Babilónia e os Babilónicos, 4. Ugarit e os Ugaríticos, 5. Egito e os Egípcios, 6. Hititas e Hurritas, 7. Aram e os Arameus, 8. Fenícia e os Fenícios, 9. Transjordânia: os Amonitas, Moabitas e Edomitas, 10. Filisteia e os Filisteus, 11. Pérsia e os Persas, 12. Arábia e os Árabes, 13. Grécia e os Gregos.

Embora todos estes grupos tenham partilhado experiências e geografias e, portanto, uma alusão cronológica seja por demais subjectiva, a intenção dos autores é bastante actual, na consideração de que uma irmandade se tenha forjado sobretudo a partir do III milénio a.n.e. entre os vários governantes, reis e príncipes das regiões do Levante.

Considerando este facto, a análise dos Amorreus, Arameus, Hurritas Amonitas, Moabitas e Edomitas, principalmente nas regiões da Anatólia, Cisjordânia e Transjordânia, deu provas de que o mosaico populacional é formado por grupos nómadas, semi-nómadas e sedentários, que melhor se caracterizam pelo estilo de vida e actividades quotidianas, como a pastorícia e a agricultura, do que a partir de distinções étnicas que são essencialmente linguísticas e/ou regionais.

Ainda concorre hoje em dia a noção de que grandes cidades-estado estendiam o seu poder administrativo sobre vastas áreas e que todos os indivíduos e grupos presentes nesse espaço-tempo pré-determinado poderiam ser identificados com essa mesma cidade-estado ou região, limitando

# CH

CENTRO DE HISTÓRIA

---